

Retrospectiva
celebra obra de
George Lucas



PÁGINA 3

Bienal de SP
quebra recordes e
anima editoras



PÁGINA 6

Livro revela ação
de infiltrados da
ditadura no PCB



PÁGINA 7

2º CADERNO

Passado e presente vivos na Cidade do Rock

Barão Vermelho ganha de Lucinha Araújo, mãe de Cazuza, letra inédita do poeta para ser musicada. Canção será apresentada no show do banda no Rock in Rio

Por Affonso Nunes

Lá se vão quase 40 anos e uma das imagens mais marcantes da primeira edição do Rock in Rio era a de Cazuza 1958-1990) e o Barão Vermelho fazendo a Cidade do Rock pulsar com a energética “Pro Dia Nascer Feliz”. O país começava a respirar antes democráticos naquele versão de 1985 e o Brasil se permitia ao direito de sonhar. Não é por coincidência que o Barão está mais que confirmado na line-up do festival e traz um show inédito com a

estreia da turnê Todo Tamanho da Vida”.

O nome vem da faixa que será lançada no festival. Trate-se de uma letra de Cazuza que a banda recebeu de presente de Lucinha Araújo, mãe do compositor.

Rodrigo Suricato, vocalista da banda há sete anos, avisa que o novo show celebra passado e presente da banda, pois o Barão atravessou nesses 40 anos o que ele chama de “surra de Brasil”. “São quatro décadas tocando em todo canto do país, lotando ginásios, arenas. É muita vitalidade. Temos quatro letristas na banda,

muita coisa nova pra mostrar... mas mais da metade do repertório é de grandes sucessos do grupo, canções que simplesmente não podemos deixar pra trás como ‘Por Você’, ‘Pro dia Nascer Feliz’, ‘Puro Êxtase’ e ‘Bete Balanço’. Não importa se são canções da época do Cazuza ou do Frejat. A gente abraça todas as fases da banda”, diz Suricato.

Cantor, compositor e guitarrista, Suricato era uma criança de 5 anos na época do primeiro Rock in Rio. “Naturalmente, não pude ir. Mas lembro perfeitamente

dos conselhos que meus pais davam aos meus irmãos mais velhos que foram aos shows. A nossa diferença de idade era significativa, pois eu era o filho temporário”, explica.

Rodrigo, no entanto, herdou dos irmãos mais velhos o mesmo gosto e referências musicais. “Este é um dos motivos pelos quais me entrosso tão bem com o Guto (Goffi, baterista), o Maurício (Barros, tecladista) e o Fernandão (Magalhães, guitarrista)”, comenta.

Continua na página seguinte



Divulgação

CORREIO CULTURAL

Em 1985, uma apresentação histórica



Divulgação

Michael Keaton retorna às telas como Beetlejuice

‘Beetlejuice 2’ arrecada R\$ 615 milhões em sua estreia nos EUA

A continuação de “Beetlejuice”, que chega aos cinemas 36 anos depois do clássico de Tim Burton, arrecadou US\$ 110 milhões (R\$ 615 milhões) em seu fim de semana de estreia nos Estados Unidos. É a segunda maior estreia de setembro da história, atrás apenas de “It: A Coisa”. O remake do clássico de terror protagonizado pelo

palhaço assassino Pennywise estreou em 2017 com US\$ 123 milhões (cerca de R\$ 688 milhões) em bilheteria.

“Beetlejuice 2: Os Fantasmas Ainda se Divertem” também é a terceira melhor estreia do ano, atrás de “Deadpool & Wolverine”, com US\$ 211,4 milhões (R\$ 1,2 bi) e “Divertidamente 2”, com US\$ 154,2 milhões (R\$ 863 milhões).

Chaves de volta

Para os fãs com saudades da “astúcia” de Chaves, uma boa notícia. Após quatro anos, o seriado mexicano vai voltar à televisão no próximo dia 23. A reexibição foi anunciada pela emissora detentora dos direitos de transmissão do programa.

Chaves de volta II

A interrupção partiu do Televisa e ocorreu após briga com a família de Roberto Bolaños, intérprete do protagonista. Em 2020, a empresa emitiu nota com a justificativa “por causa de pendência a ser resolvida com o titular dos direitos das histórias”.

Chaves de volta III

A atriz Florinda Meza, viúva de Bolaños e integrante do elenco da atração, comemorou o retorno. “Conseguimos! Os programas estão de volta. Juntos tornamos realidade”, disse a artista, que agradeceu o apoio incondicional dos fãs durante todo esse processo.

Chaves de volta IV

No Brasil, a história do grupo de moradores de uma pequena vila foi exibida durante 36 anos, com ótimos índices de audiência, pelo SBT. A emissora de Silvio Santos está ciente da liberação e tenta permissão para exibir novamente.

Uma das únicas bandas (ao lado dos Paralamas do Sucesso) que estava na primeira edição do Rock in Rio, o Barão Vermelho foi convidado para participar da edição comemorativa de 40 anos do festival. O grupo vai tocar no dia 15 na abertura do Palco Sunset, com a formação que está na estrada desde 2017 composta Guto Goffi (bateria), Maurício Barros (teclados e vocais), Fernando Magalhães (guitarra, violão e vocais) e por Rodrigo Suricato (voz, guitarra e violões).

“Esse show tem a colaboração do artista e percussionista Japa System, residente em Portugal, conhecido por suas contribuições com o Baiana System. Percussionista criativo e especialista em beats, acostumado a misturar e flertar com uma linguagem brasileira contemporânea. É a primeira vez que o Barão incorpora um percussionista desde que o Peninha se foi. Além dele, duas backing vocals que eventualmente fazem parte do show. É um show montado especificamente para o festival” explica Suricato.

Para Mauricio Barros, “É uma alegria participar do festival. Essa é a terceira vez com o Barão. Na primeira edição, em 1985, ainda com o Cazuzu, subi ao palco com apenas 20 anos. Sem dúvida, vai ser uma festa maravilhosa!”, torce o músico. A apresentação do Barão em 1985 foi histórica e acabou sendo lançada em CD.

“Assisto ao Rock in Rio desde 1985, um festival lindo e renovador. É uma honra e alegria poder



Reprodução

Cazuza e Frejat durante a apresentação do Barão Vermelho no Rock in Rio I, no verão de 1985

Divulgação



Rock in Rio 2024 logomarca

estar neste line up com o Barão Vermelho, e poder celebrar 42 anos de banda e boa música com o público do festival”, arremata o guitarrista Fernando Magalhães

“40 anos do Rock in Rio, significam que o rock resistiu esses 40 anos no Brasil e eu, que passei por tudo isso, me orgulho” conclui o baterista Guto Goffi.

Formado no Rio em 1981, o Barão Vermelho integra a primeira geração do chamado BRock, nome dado ao movimento de renascimento do gênero, impulsionado pelo surgimento de espaços como o Circo Voador e a Rádio Fluminense

FM, duas plataformas de lançamento para os grupos da época.

A banda conquistou admiração do público tanto por sua energia no palco quanto pela performance e voz inconfundível de Cazuzu, seu vocalista e principal letrista. Desde a morte precoce do frontman, a banda passou por diversas mudanças de formação mas soube manter uma coesão, mantendo os fãs lá do início e abrindo para públicos das gerações seguintes.

A banda lançou diversos hits que se tornaram verdadeiros clássicos do rock brasileiro. “No Brasil a pessoa fazer um auto-elogio é quase como um crime, mas é preciso louvar a história do Barão e dessas grandes canções. A banda pode não ter mais o Cazuzu, não re mais o Frejat... Mas ainda tem o Maurício, o Guto, o Fernandão. A essência segue, o Barão segue, celebrando sua história e olhando pra frente”, destaca Suricato

Ganhador da Palma de Ouro Honorária, cineasta e produtor ganha retrospectiva no Rio num momento em que seu legado estelar se renova em múltiplas mídias

Que a **Força** esteja com George Lucas

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Quando passou pelo Festival de Cannes de 2012, para a exibição de “Esquadrão Red Tails” (do qual foi produtor), num telão nas areias da Croisette, George Walton Lucas Jr. anunciou sua aposentadoria do audiovisual e cumpriu com o anúncio. Embora seu nome ainda circule por diferentes mídias, associados a duas das mais amadas franquias da cultura pop – “Star Wars” e “Indiana Jones” -, o mítico cineasta chegou aos 80 anos sem interesse em encarar os meandros atuais de um mercado que ajudou a reconfigurar. Mercado esse que vem louvando seus feitos – mais do que gloriosos – com homenagens e sessões especiais.

Cannes encerrou as atividades de sua maratona cinéfila deste ano, em maio, concedendo a ele uma Palma de Ouro honorária, que lhe foi entregue por um titã e parceiro de trabalho a quem o diretor chama de “amigo” há cinco décadas, Francis Ford Coppola. No Brasil, a cinefilia local também reserva um mimo de peso para o artista responsável pela criação de Darth Vader: de 18 a 25 de setembro, o realizador será reverenciado pelo Grupo Estação com uma retrospectiva. Dois jovens talentos da reflexão crítica no país, Kaio Caiazzo e Guilherme Salomão, assinam a curadoria da mostra.

Já tem gente sonhando em (re)ver “American Graffiti” (1973), aqui batizado de “Loucuras de Verão”, em tela grande, ao lado de um marco da sci-fi: “THX 1138” (1971). O sucesso



Disney+ Brasil

Rodeado de suas criações mais famosas, George Lucas pertence a uma geração que renovou o cinema

de ambos cacifou Lucas como realizador autoral na revolução estética conhecida como Nova Hollywood (1967-1981), quando uma leva de jovens cineastas (Scorsese, Brian De Palma, Elaine May, o já citado Coppola, Spielberg...) transformaram o modo de se filmar nos Estados Unidos, engajando as narrativas filmicas a debates sociológicos, modificando a forma de se narrar ao desafiar convenções moralistas.

“Nos fim da década de 1960, as lideranças dos grandes estúdios estavam se aposentando.

Suas empresas foram vendidas para grandes corporações de outros ramos, como a Coca-Cola, que não entendiam o ofício cinematográfico, encarando-o apenas como um negócio. Os novos executivos que chegaram resolveram contratar uma turma de jovens estudantes de Cinema para ocupar as brechas criativas. Eu era um deles”, disse Lucas numa masterclass em Cannes, antes de ser laureado com a Palma de Honra (entregue ainda a Meryl Streep e as estúdios Ghibli). “A minha geração não fazia filmes para ganhar dinheiro, a gente filmava pelo desejo de fazer cinema. Nós amávamos filmes”.

Desde 2005, quando lançou “Star Wars: Episódio III – A

Vingança dos Sith”, Lucas nunca mais dirigiu um longa, atuando no máximo como produtor e consultor de roteiro, negociando a venda da marca “Guerra nas Estrelas” para a Disney. Mesmo longe dos sets, ele segue sendo uma grife, dada a popularidade dos títulos que ajudou a gestar, incluindo iguarias como “Howard, o Super-Herói” (1986), baseado num pato estelar egresso das HQs Marvel.

Esse é um dos títulos mais esperados do evento de Caiazzo e Salomão, assim como uma possível exibição das aventuras de Luke Skywalker.

Os tributos que cercam a celebração do 80º aniversário de Lucas se expandem ainda pelos quadrinhos, terreno onde seus

heróis e vilões ganham uma série de publicações especiais, trazidas para o público brasileiro pela editora Panini Comics. Uma das atrações de maior vulto nas bancas e livrarias é o álbum “Darth Vader: Preto, Branco e Vermelho”, com historietas em P&B e tons de rubro – cor do sabre de luz do temível guerreiro interplanetário. Em suas 136 páginas, numerosos talentos das artes gráficas se reúnem para contar os planos malévolos de Anakin Skywalker, alter ego de Vader.

Regados de ação e adrenalina num nível que sua recente trilogia cinematográfica – repaginada por J.J. Abrams – jamais teve, os quadrinhos da recém-lançada coleção “Legends - O Império” se firmam como o maior acerto da indústria brasileira de HQs em 2024. A Panini, que edita Marvel e DC em nossas bancas, marca um gol ao apresentar a travessia de Vader pelas galáxias, tornando-se um criminoso temido em todo o cosmos.

A saga da Panini tem periodicidade quinzenal e está no número 13 (no site da editora é possível comprar números posteriores). Sua dramaturgia é focada nos anos seguintes aos fatos narrados em “A Vingança dos Sith”. É, de longe, o longa mais sofisticado da safra sobre Anakin Skywalker (o alter ego de Vader). Há quem diga que é o melhor trabalho de Lucas, à direção, desde “THX 1138”.

A aventura quadrinística derivada dessa superprodução é ambientada após o fim das Guerras Clônicas, um período no qual as forças da República caíram e o imperador Palpatine passou a exercer seu controle sobre a galáxia. É uma mitologia que dialoga com o legado cinematográfico de Lucas. Legado que ganhou também espaço no streaming, via Disney+, com séries como “Andor”, “Ahsoka” e “Obi-Wan Kenobi”. Ou seja, a Força segue com Lucas.

Vale a pena ver de novo?

Por que cinemas brasileiros vivem onda de reprises como 'Beetlejuice', 'Estômago', 'A Hora da Estrela' e 'Batman', entre outros

Por Pedro Strazza (Folhapress)

O passado é a grande moda do momento nos cinemas brasileiros. Um batalhão de filmes dos anos 1980, 1990 e 2000 invadiu as salas do país nos últimos meses, competindo em pé de igualdade com as estreias de cada nova semana.

As reprises variam, de séries como "Harry Potter" e "Star Wars" a hits nacionais como "A Hora da Estrela" e "Estômago". Com boas médias de público, elas arrastam multidões em um momento de retomada das bilheterias nacionais. Elas contornam a crise com datas comemorativas e como marketing de continuidades, a exemplo de "Os Fantomas se Divertem", cuja sequência acaba de chegar aos cinemas.

Também está em cartaz "Stop Making Sense", famoso documentário de 1984 da banda Talking Heads. O filme chegou ao circuito na semana passada com nova remasterização, um ano depois dos cinemas americanos, mas a distribuidora O2 Play aposta alto na reprise - que conta até com sessões em formato Imax.

Boa parte da crença da empresa se deve ao sucesso do filme no Instituto Moreira Salles, onde ganhou exhibições especiais em março. O público lotou tão rápido as poucas sessões que o museu abriu novos horários, esgotados em uma hora.

O programa do IMS surpreendeu Igor Kupstas, diretor da O2 Play, que negociava a distribuição de "Stop Making Sense" na época. "Quando vi que iam passar o filme, achei por um segundo que outra pessoa havia o comprado", afirma o executivo.

Ele diz que a empresa tinha interesse na versão restaurada do longa desde a reprise lá fora, mas a negociação do título demorou a sair. A preocupação com um atraso na distribuição desapareceu na euforia coletiva do início do ano.

Curador de cinema do IMS, o diretor

Kleber Mendonça Filho foi quem teve a ideia de trazer "Stop Making Sense" ao museu. Ele afirma que alinhou o seu desejo de exibir o filme com a programação do cinema, que abriu espaço a documentários de música - como os filmes "Woodstock" e "Prince: Sign 'o' the Times".

"Cada programação é um mistério, mas eu esperava", diz o curador sobre o sucesso das sessões. "Não só o filme é sensacional, mas as salas estavam à altura da qualidade de som. Foi impactante, do balacobaco."

O mercado de cinema compartilha do entusiasmo da O2 Play, vendo boa procura nas reprises. Caso emblemático é o de "Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban", que comemorou os 20 anos de lançamento com sessões em 4 de junho. Segundo a Warner Bros., mais de 500 mil ingressos foram vendidos no dia, lotando salas ao redor do país.

O volume de público impressiona, em especial porque foram 866 mil espectadores que o longa conquistou na estreia no país em 2004. O estúdio também promoveu, no último domingo, uma maratona dos três primeiros capítulos da série.

Sucesso parecido aconteceu com "Coraline e o Mundo Secreto", que voltou aos cinemas no mês passado para celebrar os 15 anos da estreia. O Comscore afirma que a animação da Laika foi o quarto filme mais visto no final de semana retrasado no Brasil, com R\$ 2,85 milhões arrecadados. A obra teve por aqui um desempenho parecido com o dos Estados Unidos, onde foi o quinto mais assistido no mesmo período - lá com US\$ 12,5 milhões, ou R\$ 69,4 milhões.

As reexibições também funcionam com obras nacionais. O filme "A Hora da Estrela", adaptação de 1985 do livro de Clarice Lispector, voltou ao circuito em maio, mas só saiu de cartaz no meio de agosto. Segundo a distribuidora Vitrine



Estômago

Divulgação



Cena de 'Star Wars - O Império Contra-ataca'

Divulgação



Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban

Divulgação



Divulgação

A Hora da Estrela

Divulgação

Relatos Selvagens

Divulgação

Stop Making Sense

Divulgação

Duna

Divulgação

Coraline e o Mundo Secreto

impulsionar novos artistas e, depois, para recuperar o prejuízo de filmes nem tão bem sucedidos.

Para o pesquisador, a popularidade atual dos relançamentos envolve a crise do streaming, que virou problema ao espectador. A multiplicação de serviços como a Netflix frustram o assinante, que tem contas demais e não sabe onde assistir aos filmes.

“O mercado audiovisual está desorganizado, em especial no streaming”, diz Butcher. “Para uma parte das pessoas, a experiência da sala volta a ser atrativa. A nostalgia da experiência coletiva se liga à nostalgia das memórias com as obras, além da vontade de ver coisas diferentes das novidades desses canais.”

A remasterização dos filmes em 4K é outro fator importante na disputa silenciosa da tela do cinema com a TV de casa. A tecnologia permite imagens muito mais nítidas, que melhoram a experiência da sessão, e por isso virou pilar na divulgação dos relançamentos - incluindo os citados “Stop Making Sense” e “A Hora da Estrela”.

“Existe um oceano de filmes e shows relevantes que, se apresentados de forma adequada nas imagens, nos efeitos e nos sons, merecem a sala de cinema. Assim, eles acham a sua audiência”, diz Igor Kupstas.

O diretor da O2 Play confirma que a empresa apostará em novos relançamentos. A próxima reprise da distribuidora é “Edukators”, sucesso alemão de 2004 que está para ser agendado no calendário dos cinemas.

No andar dessa carruagem, as distribuidoras seguem os passos dos cinemas de repertório, que viram no 4K uma maneira de atrair o público. Em São Paulo, estabelecimentos como o Cinesesc e o IMS usam o formato como parte da divulgação já há alguns anos.

O Cinesesc em especial investe de maneira considerável nessas exibições. No começo do ano, o cinema criou a mostra “Clássicos em 4K”, com sessões de filmes como o italiano “Noites de Cabiria” e o americano “O Exorcista”. Em agosto, estreou no país a cópia no formato de “O Fundo do Coração”, musical de 1981 dirigido por Francis Ford Coppola. Coordenadora de programação do Cinesesc, Graziela Marchetti Gomes afirma que o 4K ajuda na missão do estabelecimento. “Esses programas importam na formação de públicos, unindo tecnologia de ponta com o conhecimentos dos filmes”, diz

Filmes, mais de 20 mil espectadores assistiram ao filme nos cinemas nos últimos três meses.

A reprise do longa aconteceu pela Sessão Vitrine Petrobrás, que destaca o cinema do país a preços populares. Mas o sucesso de “A Hora da Estrela” foi desproporcional até para o selo. Criadora do projeto, Silvia Cruz diz que o filme ultrapassou a bilheteria dos outros filmes do projeto, incluindo títulos antecipados como “Sem Coração”.

A ideia do relançamento pode ser a moda atual no Brasil, mas tem pé na história do cinema. Autor do livro “Hollywood e o Mercado de Cinema no Brasil”, Pedro Butcher diz que os estúdios trabalham com relançamentos desde a sua criação. Eles usaram as reprises primeiro para

Sinal verde para a leitura

Bienal abarrotada faz vendas de livros crescerem, e editoras relatam recordes

Felipe Iruatã/Folhapress

Por Walter Porto (Folhapress)

A lotação da Bienal do Livro de São Paulo em seu primeiro fim de semana tem se desdobrado em mais que aperto pelos corredores. As editoras relatam um aumento notável nas vendas de livros, e algumas delas apontam números recordes.



A Companhia das Letras, casa de maior porte no país, diz que teve o maior dia de sua história em bienais, incluindo São Paulo e Rio de Janeiro, no sábado (7). É o mesmo que conta outra grande editora, a Sextante, que cresceu 50% em faturamento se comparado ao mesmo período da última edição.

“É uma alegria para a gente ver esse espaço lotado de jovens leitores, e isso mantém nossa esperança em transformar o país através da leitura”, celebra a nova diretora de operações da Companhia, Mariana Zahar.

O outro maior grupo editorial do país, a Record, já tinha superado as vendas do primeiro final de semana da edição de 2022 faltando quase oito horas para acabar o domingo.

“Sempre se diz que o Brasil não é um país de leitores e a gente tem a cada Bienal comprovado que isso não é verdade”, diz o diretor editorial Cassiano Elek Machado.

Também celebram resultados animadores casas como Rocco, HarperCollins e Cortez. A Intrínseca vendeu 82% mais neste sábado que no dia equivalente da Bienal anterior.

Os números impressionam, mas não exatamente chocam quem esteve no Distrito Anhembi neste primeiro final de semana caorento em São Paulo. A organização só vai contabilizar os visitantes



Público lotou o Distrito Anhembi no primeiro fim de semana da Bienal do Livro de São Paulo

ao final do evento, mas a sensação de congestionamento naquele pavilhão fechado era geral.

A estratégia da Bienal de mudar de endereço para o conforto dos visitantes não funcionou bem no primeiro sábado de evento, dia tradicionalmente mais cheio. O Distrito Anhembi foi tomado por uma sensação de forte lotação, com filas que ocupavam parte considerável dos corredores e fluxos de leitores circulando com malas de viagem - que usaram o chão como pausa para descanso.

Filas em caracol

O aumento de 15% do espaço, em comparação com o Expo Center Norte, onde se deu o evento há dois anos, foi pouco sentido. Os corredores, mesmo mais largos, foram dominados por filas em caracol de leitores

para entrar nos estandes. Houve relato de confusões em filas, que eram tantas que se misturavam.

A professora Felipa de Fátima, que frequenta o evento há anos, sentiu dificuldade de se locomover. “É muito tumulto, é muita gente. Você não sabe onde começa e onde termina a fila para comprar os livros. Tem sido muito difícil ir ao banheiro também.”

O estudante Marcelo, 17 anos, levou uma hora para comprar os livros que queria. “Entramos, escolhemos e agora estamos nessa segunda fila, que está dando uma volta no estande, para pagar”, disse. Ele tinha a expectativa de encontrar bons preços no evento - o que não aconteceu, segundo ele.

Outra estratégia da Bienal para impedir filas foi a retirada online de senhas para os autó-

grafos de autores. Na prática, o cenário foi outro.

Às 15h, minutos antes de abrir a sessão de autógrafos da escritora americana Lynn Painter, uma fila de adolescentes atravessava a frente do espaço que a organização selecionou para o encontro. Os jovens apinhados bloquearam a entrada para o banheiro e o acesso às barracas de comida. Alguns fãs sentaram no chão, o que atrapalhou quem andava pela área.

A estudante Laura Mendes, 16, entrou na fila para autógrafos de Lynn Painter com 40 minutos de antecedência. “Houve uma pequena confusão, porque teve gente que achou que era a fila do banheiro. Tinha a fila dos autógrafos do Felipe Neto também, o que confundia ainda mais”, afirma Lara.

Um cenário semelhante também foi visto na segunda sessão de autógrafos do youtuber e autor. Sentada no chão, a estudante de fisioterapia Manuela Cavalcante, de 20 anos, contou que chegou ao espaço com uma hora de antecedência. “Estou aqui pela minha irmã e pela minha prima. Elas tentaram a senha, mas não conseguiram”, disse. “Eu cheguei e fiquei meio perdida. Já tinha gente esperando aqui fora”, disse com uma edição do livro “Como Enfrentar o Ódio” em mãos.

Era difícil, no sábado e no domingo, encontrar regiões sem grupos sentados no chão. Muita gente recorreu ao piso para comer até pê-efes, porque as mesas e cadeiras se mostraram muito insuficientes. A Bienal continua até o próximo domingo (15)

CRÍTICA / LIVROS / CACHORROS

O poder neutro da ditadura militar

Por Aldo Tavares*

A editora Alameda lançou em agosto “Cachorros: a história do maior espião dos serviços secretos militares e a repressão aos comunistas até a Nova República”, um agenciamento-livro com 550 páginas escritas por Marcelo Godoy. A pesquisa levou dez anos e mostra-nos uma forma de poder de que um segmento das Forças Armadas se serviu a partir de 31 de março de 1964 para combater o comunismo e os grupos armados no Brasil, o que conseguiu êxito, pois a ditadura militar realizou a mais inteligente guerra, qual seja, a guerra sem guerra.

O maior representante dessa guerra sem armas é o cabo Anselmo, documentado por Carlos Alberto Jr. na série “Em busca de Anselmo”. No entanto, para o autor de “Cachorros”, Severino Theodoro de Mello, o Vinícius ou o Pacato, da cúpula do Partido Comunista Brasileiro (PCB), causou mais estragos do que Anselmo, sendo “o maior traidor da história do movimento comunista no país”.

Para os militares, o infiltrado era chamado de “cachorro”, e Mello era o cachorro de Carlos I. S. Azambuja, o capitão Antônio Pinto, o doutor Pirilo ou Azambuja. O capitão, no auge dos estudos militares dos movimentos de libertação de inspiração marxista-leninista, formou-se em 1964 e seu anticomunismo pesou ainda mais no Forte Gullick (Panamá), em 1967, onde fica a Escola das Américas, tendo sido o segundo colocado da turma.

Por causa de sua formação intelectual, um prisioneiro disse certa vez que Pirilo era um tipo de analista e muito gentil, que ficava batendo papo com o prisioneiro. Com artigos e livros escritos, afirmava que suas mãos nunca torturaram um prisioneiro. “Não lhe agradavam os métodos



Divulgação



Reprodução

Ficha de Severino Theodoro de Mello, militante do PCB que se tornou espião da ditadura e tem sua trajetória retratada em ‘Cachorros’, do jornalista Marcelo Godoy

violentos porque acreditava serem ineficazes”, observa Marcelo Godoy.

Em virtude disso, a inteligência militar do doutor Pirilo representa a forma mais bem elaborada de um poder cirúrgico a serviço de patentes que apoiaram a ruptura Constitucional de 1964. Visto que seu poder opera nos detalhes do cotidiano, justifica-se o ato cirúrgico por se tratar de uma intervenção que permitiu, segundo Godoy, algumas das mais importantes infiltrações em partidos e em organizações. O PCB, por exemplo, esteve sob

sua vigilância e controle até os anos 1990, mas sem causar desconfiança: em 1992, o capitão Antônio Pinto participou e votou em um congresso do Partidão.

Se desconhecemos tamanho poder encarnado nesse capitão, “é impossível ter a dimensão correta da ação militar no país”, ressalva Godoy, adicionando ainda estes nomes: Del Nero, Romeu e Mário Sérgio.

Pirilo representa a forma mais bem-acabada de domínio de que a ditadura militar se serviu, no sentido de que o militar se identifica com o guerrilheiro e o guer-

rilheiro, com o militar, não havendo, portanto, oposição entre os desiguais. Quando Lamarca e Lara viajaram para o interior da Bahia, quem dirigia a Kombi era o capitão Antônio Pinto, porque quem estava ao volante era o seu cachorro do PCB, Waldir Fiock da Silva, um infiltrado.

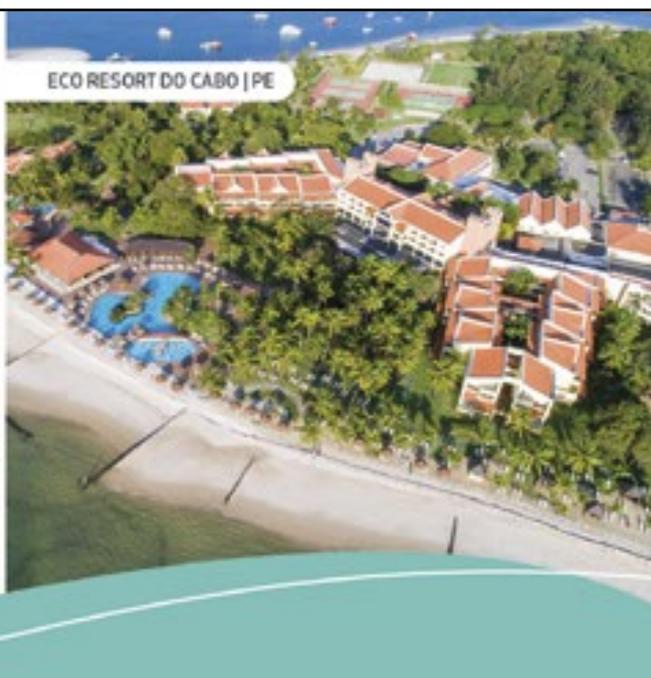
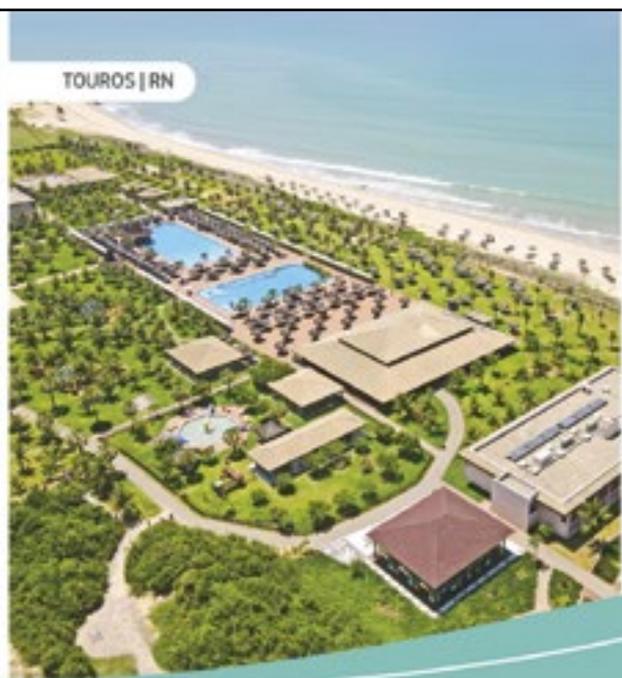
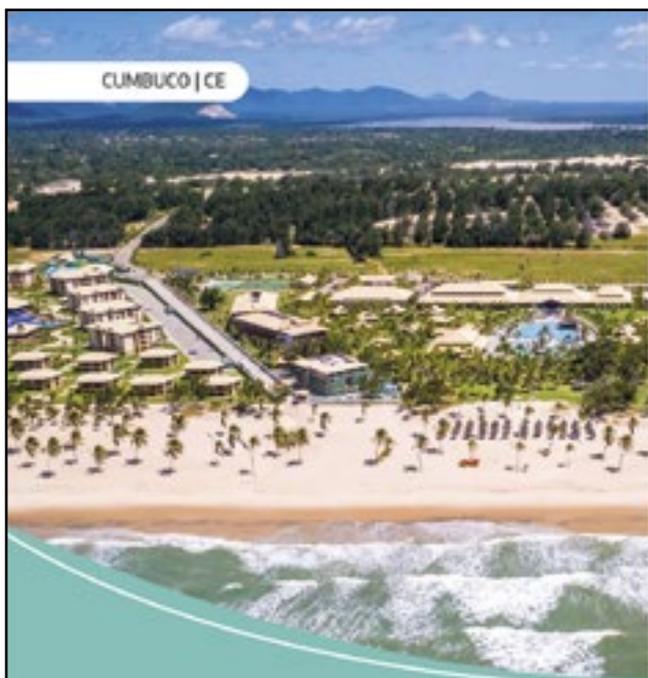
Segundo as pesquisas de Marcelo Godoy, o responsável pela queda do PCB foi Vinícius, o infiltrado por meio do qual “os agentes da ditadura mapearam o trabalho de fronteira, a confecção de documentos e as relações entre os integrantes do Comitê Central”, escreve o autor.

O cachorro principal do doutor Pirilo era Severino Theodoro de Mello, comunista infiltrado no núcleo do PCB desde 1974, quando, a caminho da casa da namorada, na Vila Formosa, zona leste de São Paulo, foi abordado por dois homens e conduzido a uma casa em Itapevi, a Boate, frequentada por militares do Exército, onde saíria cachorro ou morto. Saiu como um infiltrado do Destacamento de Operações de Informação (DOI), conhecido pela sigla DOI-Codi (Centro de Operações de Defesa Interna).

O autor de “Cachorros”, baseado em vasta documentação, detalha o poder da ditadura militar, que, ao negar o confronto direto, identifica-se de tal forma com o inimigo que chega a ser camarada. Sem fazer uso da violência, Mello conduziu vários membros do PCB à morte ou, se fosse útil, à infiltração. Em uma entrevista a Godoy, Mello diz que, se não cedesse, mulher e filhos seriam liquidados na porrada.

O senso comum sempre afirma que o “neutro” não tem lado. Engano: ele tem os dois lados ao mesmo tempo. Para compreender melhor o sentido do “infiltrado” ou do “neutro” nas páginas de Cachorros, o filósofo Gilles Deleuze é imprescindível, porque ele pensa o “entre”, que pode ser sinônimo de “neutro”. É a guerra sem guerra.

*Professor-mestre em Filosofia



PARA OS SEUS SONHOS, OS MELHORES
destinos.
PARA VOCÊ, A MAIOR REDE DE RESORTS DO BRASIL.

Nos resorts all inclusive da Vila Galé a alegria dura o ano inteiro.
Viva momentos inesquecíveis com muito conforto e diversão.

RESERVE JÁ!

